



AVALIAÇÃO DA VARIAÇÃO TER/HAVER EXISTENCIAIS E DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM HAVER EXISTENCIAL NA LÍNGUA ESCRITA

EVALUATION OF *EXISTENTIAL TER/HAVER* VARIATION AND VERBAL
 AGREEMENT WITH *EXISTENTIAL HAVER* IN THE WRITTEN LANGUAGE

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória*

RESUMO

Com o objetivo de analisarmos se há significados sociais positivos, negativos ou neutros associados ao uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais na língua escrita, mensuramos as normas subjetivas de estudantes universitários do sertão alagoano em relação à variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais e à variação na concordância verbal com *haver* existencial na escrita. Para tanto, recorremos à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]) e adotamos uma abordagem direta (FASOLD, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998), considerando sete parâmetros de julgamento social: formal, conservador, sofisticado, bonito, escrever bem, ler muito e nível de estudo. Os dados mostram uma avaliação mais neutra para o uso do verbo *ter*, mas uma avaliação mais positiva para a pluralização do verbo *haver* existencial. O uso do verbo *ter* é mais associado à escolarização mais baixa, não ser formal e não ser conservador, ao passo que a pluralização de *haver* é mais avaliada como formal, sofisticada e associada ao nível mais alto de estudo.

Palavras-chave: variação linguística; avaliação linguística; sentenças existenciais.

ABSTRACT

*In order to analyze whether there are positive, negative or neutral social meanings associated with the use of the verbs *ter* and *haver* in existential contexts in the written language, we measure the subjective norms of university students from the Alagoas backlands in relation to the variation *ter* and *haver* in existential sentences and to the variation in verbal agreement with *haver* in writing. For that, we resorted to the Theory of Linguistic Variation (LABOV, 2008 [1972]) and adopted a*

* Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6279-2379>

direct approach (FASOLD, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998), considering seven parameters of social judgment: formal, conservative, sophisticated, beautiful, writing well, read a lot and study level. The data show a more neutral evaluation for the use of the verb ter, but a more positive assessment for the pluralization of the verb haver. The use of the verb ter is more associated with lower schooling, not being formal and not being conservative, whereas the pluralization of haver is more evaluated as formal, sophisticated and associated with the highest level of study.

Keywords: *linguistic variation; evaluation linguistic; existential sentences.*

INTRODUÇÃO

A língua é um sistema dotado de heterogeneidade ordenada, com a variação sendo entendida como um processo pelo qual duas ou mais formas linguísticas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial (LABOV, 2008 [1972]). No entanto, apesar de exibirem o mesmo valor de verdade, formas linguísticas em variação podem apresentar significados sociais diferentes a depender de quem usa, de que contextos são usadas, de como são julgadas pelos falantes e de a quem são associadas (FREITAG, 2018).

Isso significa considerar que a avaliação linguística é determinante para a constituição da identidade da comunidade e tem o poder de barrar ou acelerar uma mudança na língua, uma vez que avaliações negativas podem levar ao abandono de variantes e impedir o processo de mudança, mas avaliações positivas tendem a favorecer o curso da mudança. Portanto, “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124).

Considerando que, na fala, *ter* é o existencial preferido nas variedades do português brasileiro (CALLOU; AVELAR, 2000; VITÓRIO, 2013; SOUZA, 2016; OLIVEIRA, 2017), mas, na escrita, *haver* é o existencial selecionado (CALLOU; DUARTE, 2005; AVELAR, 2006; VITÓRIO, 2012), bem como que *haver* pode ocorrer tanto no singular (3PS) quanto no plural (3PP) (CALLOU; AVELAR, 2013), analisamos como esses processos de variação na língua escrita são avaliados por estudantes universitários do sertão alagoano.

Para tanto, adotamos uma abordagem direta (FASOLD, 1996; GARRET; COUPLAND; WILLIAMS, 2003), através de um questionário de atitudes linguísticas, e consideramos sete parâmetros de julgamento social, a saber, *formal, conservador, sofisticado, bonito, escrever bem, ler muito e nível de estudo*. Nosso intuito é mensurar se, ao questionar o estudante universitário sobre o que ele pensa em relação ao uso desses verbos, estamos diante de contextos linguísticos variáveis que apresentam saliência social (FREITAG, 2018).

Para atingirmos os objetivos propostos, duas questões gerais foram formuladas: (i) estamos diante de contextos linguísticos variáveis que apresentam saliência social? (ii) teria o uso de *ter* e *haver3PP* um julgamento social negativo, uma vez que são variantes não contempladas na norma padrão? Tendo em vista que adotamos uma abordagem direta e focalizamos o uso dessas variantes na língua escrita, nossa hipótese é a de que haverá julgamentos sociais negativos associados ao uso de *ter* e *haver3PP* na escrita.

O artigo está estruturado em quatro partes além desta introdução e das considerações finais. Abordamos, a seguir, o que os estudos sociolinguísticos têm mostrado sobre o uso dos verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais; em seguida; apresentamos a metodologia adotada para coleta e análise dos dados; e, na seção seguinte, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, mos-

trando, em um primeiro momento, o cômputo geral dos dados e, em seguida, os resultados de cada parâmetro considerado na pesquisa.

AS SENTENÇAS EXISTENCIAIS COM *TER* E *HAVER*

Do ponto de vista da sociolinguística da produção, que tem por objetivo descrever padrões de recorrência de uma dada variante em uma dada comunidade, contribuindo para a caracterização do português brasileiro, muitos são os trabalhos sociolinguísticos que procuram mostrar quem usa *ter* e *haver existenciais* e em que contextos tais formas ocorrem, tanto na fala quanto na escrita (CALLOU; AVELAR, 2000; CALLOU; DUARTE, 2005; AVELAR, 2006; VITÓRIO, 2012, 2015; CARDOSO; MOTA, 2017; OLIVEIRA, 2017 entre outros).

Nas descrições observacionais da língua falada, os estudos apontam que *ter* é o verbo existencial mais frequente, mostrando indícios de um processo de mudança. No entanto, há restrições linguísticas e sociais que ainda favorecem o uso de *haver*: argumento interno com traço [+ abstrato], verbos no tempo passado, como *aqui havia esperança*, falantes mais velhos e mais escolarizados. Os percentuais e as restrições descritas indicam direcionais que, do ponto de vista da produção, não há estigma quanto ao uso do verbo *ter*.

Outro direcional que indica que não há estigma quanto ao uso de *ter* em sentenças existenciais diz respeito ao uso dessa variante na língua escrita (AVELAR, 2006; VITÓRIO, 2015; MARINS; DUARTE, 2019). Gama, Saraiva e Almeida (2019) mostram que, na língua escrita, a depender da formalidade do gênero textual, há um *continuum* de variação, com o verbo *ter* mais frequente nos anúncios, diminuindo o seu percentual de uso nos gêneros notícias, crônicas jornalísticas, carta de leitor e teses e dissertações.

Em relação à concordância verbal com *haver existencial*, de modo geral, Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001) e Azeredo (2008) pontuam que o verbo *haver* na acepção de existir é impessoal, não tem sujeito, logo é usado na 3PS, como “Na sala havia três quadros do pintor” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 129). Ao abordar a concordância com os verbos impessoais, Bechara (2001) também observa que “os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo [FE.1,I,20]” (p. 562).

No entanto, estudos linguísticos mostram que, além de *haver* concorrer com o verbo *ter* na acepção de existir, com o *ter* sendo o existencial na língua falada, esses verbos também ocorrem tanto na 3PS quanto na 3PP. Callou e Avelar (2013) pontuam que, em textos antigos das décadas de 1940 e 1950, há evidências da pluralização de *ter* e *haver existenciais*. Os autores também ressaltam que, durante um longo período da tradição gramatical, o complemento de *haver* era interpretado como sujeito, ocasionando a concordância verbal.

Vitório (2018) pontua que, embora os estudos restrinjam a pluralização de *haver* à língua falada, principalmente, quando o falante se encontra em um discurso mais monitorado, o fenômeno da pluralização das existenciais também ocorre na língua escrita, principalmente, na escrita mais monitorada veiculada em sites de notícias, mensagens na internet. A autora também aponta que há uma preferência pela pluralização de *ter* e *haver*, principalmente, no contexto formal (fala apresentando seminário), revelando uma avaliação social positiva.

Tomando por base essas pesquisas, analisamos se estudantes universitários associam significados sociais positivos, negativos ou neutros ao uso dessas variantes. Nosso foco recai sobre a língua escrita e partimos do pressuposto de que há uma maior sensibilidade relacionada ao uso da norma padrão, apresentando as variantes *haver* e *haver3PS* valores sociais mais positivos. *Haver*

e *haver3PS* são formas linguísticas mais associadas à língua escrita, sendo abonadas nos instrumentos normativos, logo são objetos de ensino nas escolas.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Dotado de uma heterogeneidade ordenada, o sistema linguístico é composto por regras categóricas e regras variáveis. As regras variáveis se caracterizam por apresentar o mesmo significado referencial, mas podem possuir significados sociais diferentes, relacionados ao grau de consciência social dos falantes (LABOV, 2008 [1972]). Isso significa considerar que as formas linguísticas estão sujeitas à valorização social, que se relaciona a diferentes fatores, como origem geográfica, classe social, situação comunicativa e atitudes linguísticas.

Entendida como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78), a atitude, nos estudos sociolinguísticos, refere-se a todos os tipos de comportamento relacionados à linguagem (FASOLD, 1996) e pode ser aferida através do problema da avaliação. Importa investigar atitudes em relação a variedades de língua e a variantes linguísticas.

O problema da avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) procura analisar como um fenômeno linguístico variável é percebido em uma dada comunidade pelos seus membros, com a avaliação se relacionando a um caráter individual e social. Do ponto de vista do problema da avaliação, diferentes são as abordagens para mensurar o valor social das formas em variação. Garrett, Coupland e Williams (2003), ao discutirem atitudes linguísticas, apontam três caminhos: tratamento societal, abordagem direta e abordagem indireta.

Recorremos à abordagem direta, que, através de entrevistas ou questionários, consiste em perguntar abertamente como os falantes avaliam formas linguísticas (FASOLD, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Embora haja a possibilidade de essa técnica mascarar a avaliação linguística, uma vez que os falantes podem fornecer respostas socialmente desejáveis, a depender do nível de consciência social da variante, é possível acessar as atitudes linguísticas empiricamente (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003).

Para tanto, elaboramos um questionário com quatro questões, conforme Quadro 1, que objetivam avaliar o uso de *haver*, *ter*, *haver3PS* e *haver3PP*. As questões foram respondidas tomando por base sete parâmetros de julgamento, conforme Quadro 2. Os estudantes julgavam cada variante focalizada para o critério em análise marcando uma das seguintes opções: *com certeza não*, *acho que não*, *não sei*, *acho que sim* e *com certeza*, com exceção do último parâmetro, que havia as opções ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Quadro 1 – Questionário de avaliação linguística

Na fala do dia a dia, para expressar a existência de alguém ou de alguma coisa, utilizamos tanto o verbo *ter*, como *amanhã tem duas palestras na universidade, hoje teve duas aulas*, quanto o verbo *haver*, como *há turmas lotadas aqui, houve uma prova hoje*. Os verbos *ter* e *haver* com sentido de existir também são usados na língua escrita em vários gêneros textuais.

1. Para você, o uso do verbo *haver* na língua escrita é ...
2. Para você, o uso do verbo *ter* na língua escrita é ...

(continuação Quadro 1)

Ainda em relação ao verbo *haver* em sentenças existenciais na língua escrita, é possível o seu uso tanto no singular, como *havia três professores na banca de TCC, houve dois seminários*, quanto no plural, como *havam dois alunos na sala, houveram notas boas na disciplina*.

3. Para você, o uso do verbo *haver* no singular na língua escrita é ...

4. Para você, o uso do verbo *haver* no plural na língua escrita é ...

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2 – Instrumento de coleta dos julgamentos das variantes em estudo

1. formal

() com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza

2. conservador

() com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza

3. sofisticado

() com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza

4. bonito

() com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza

5. sinônimo de escrever bem

() com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza

6. sinônimo de ler muito

() com certeza não () acho que não () não sei () acho que sim () com certeza

7. associado a que nível de estudo

() ensino fundamental () ensino médio () ensino superior

Fonte: elaboração própria.

Participaram da pesquisa 120 estudantes da Universidade Federal de Alagoas – *Campus Sertão*, que, após a assinatura do TCLE, responderam ao questionário.¹ Esses estudantes são naturais das regiões do sertão alagoano, possuem entre 18 e 40 anos e estão balanceados quanto ao sexo. A coleta dos dados foi realizada no referido *campus* e ocorreu entre os meses de abril e junho de 2018. Participaram voluntariamente da pesquisa estudantes de diferentes cursos de graduação ofertados pelo *Campus* do Sertão, com exceção de estudantes de Letras.

Para a análise dos dados, validamos 98 questionários para a variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais e 117 questionários para a variação da concordância verbal com *haver existencial*, procedemos dessa forma porque houve questionários que não apresentavam todas as respostas. Também atribuímos notas em uma escala de 1 a 5 às respostas dadas em relação à variante julgada para cada parâmetro considerado. Assim, consideramos 1 para *com certeza não*, 2 para *acho que não*, 3 para *não sei*, 4 para *acho que sim* e 5 para *com certeza*.

Nessa escala proposta, se a mediana for 4 ou 5, consideramos uma avaliação positiva; por outro lado, se a mediana for 1 ou 2, consideramos uma avaliação negativa; e se a mediana for 3,

¹ Este trabalho faz parte do projeto *A Língua Usada no Sertão Alagoano*, submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas e por ele aprovado sob número de parecer 1.073.208.

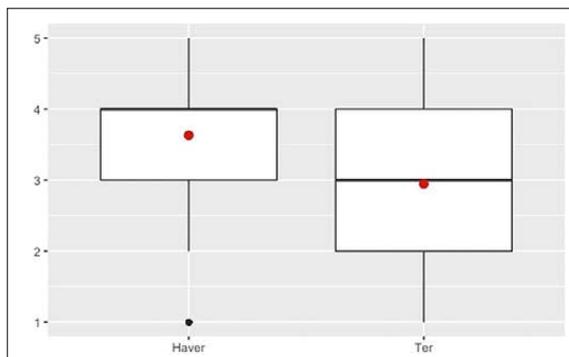
consideramos um julgamento neutro.² Em relação ao parâmetro *nível de estudo*, a análise foi realizada tomando por base a associação do uso das variantes *haver*, *ter*, *haver3PS* (doravante, HaverVS) e *haver3PP* (doravante, HaverVP) aos níveis de estudo elencados no questionário: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Para mensurarmos os valores sociais associados às variantes analisadas, além da estatística descritiva dos dados, testamos a significância de cada parâmetro analisado, a partir do R, com o teste de *Wilcoxon*. O teste de *Wilcoxon* é uma versão não paramétrica do teste T pareado, que compara até dois grupos dependentes (ou pareados), que foram avaliados por meio de uma variável qualitativa ordinal (um atributo ou qualidade), que pode ser ordenada. Quando há significância estatística dos dados, o *p-valor* é menor que 0,05 ($p < 0,05$).

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

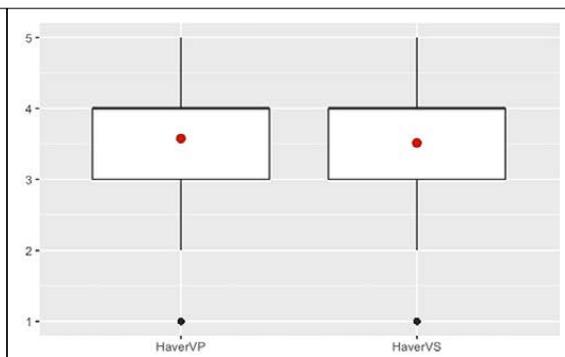
Considerando os parâmetros *formal*, *conservador*, *sofisticado*, *bonito*, *escrever bem* e *ler muito*, obtivemos, para a variação *ter/haver existenciais*, 1176 julgamentos a partir das notas atribuídas nos 98 questionários, ao passo que, para a variação da concordância com *haver existencial*, obtivemos 1404 julgamentos a partir das notas atribuídas nos 117 questionários. Os dados mostram, conforme gráficos 1 e 2, uma avaliação mais neutra para o verbo *ter existencial*, mas uma avaliação positiva para a pluralização de *haver* – *HaverVP*.

Gráfico 1 – variação ter/haver existenciais



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2 – variação concordância haver



Fonte: elaboração própria.

Em relação à variação *ter/haver existenciais* ($p < 2.2e-16$), conforme Gráfico 1, observamos que, para *haver*, a concentração das notas está entre 3 e 4, com mediana 4 – *acho que sim*; ao passo que, para *ter*, a concentração das notas está entre 2 e 4, com mediana 3 – *não sei*, sinalizando que *haver* é o existencial bem mais avaliado, mas não há uma avaliação tão negativa para o uso do verbo *ter*, que recebe um julgamento mais neutro, não confirmando a nossa hipótese de que haveria uma avaliação mais negativa para o uso de *ter* na escrita.

No que diz respeito ao padrão de concordância verbal com o verbo *haver* ($p = 0.3618$), observamos, conforme gráfico 2, que os julgamentos para *HaverVP* e *HaverVS* se concentram entre as notas 3 e 4, com mediana 4 – *acho que sim*. Esses dados mostram que não há uma avaliação negativa para a pluralização de *haver*, contrariando a nossa hipótese de que *HaverVP* receberia

² Chamamos de positivo ou negativo tendo em vista a escala Likert.

uma avaliação social negativa, bem como sinalizam que a variação no padrão de concordância verbal com *haver* é um contexto variável não saliente socialmente.

Em relação aos parâmetros analisados – *formal*, *conservador*, *sofisticado*, *bonito*, *escrever bem*, *ler muito* e *nível de estudo* – observamos, conforme tabela 1, que, para a variação *ter/haver existenciais*, os parâmetros foram significativos, com valores de *p* menores que 0,05 ($p < 0,05$), mas, para a variação na concordância verbal com *haver*, observamos uma aleatoriedade, com valores de *p* maiores que 0,05 ($p > 0,05$), mostrando que, na comunidade, esses parâmetros não interferem na avaliação desse contexto variável.

Tabela 1 – Relevância estatística dos parâmetros testados para cada variável

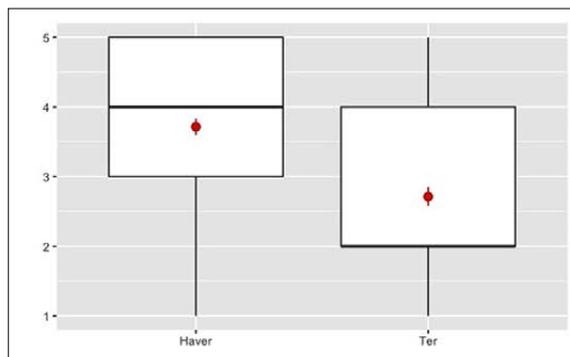
Parâmetros	Variação <i>ter/haver</i> existenciais	Variação CV com <i>haver</i>
formal	$p\text{-valor} = 2.48\text{e-}07$	$p\text{-valor} = 0.8271$
conservador	$p\text{-valor} = 0.004864$	$p\text{-valor} = 0.1203$
sofisticado	$p\text{-valor} = 0.0001004$	$p\text{-valor} = 0.5832$
bonito	$p\text{-valor} = 7.443\text{e-}07$	$p\text{-valor} = 0.6378$
escrever bem	$p\text{-valor} = 7.289\text{e-}08$	$p\text{-valor} = 0.7029$
ler muito	$p\text{-valor} = 0.0001048$	$p\text{-valor} = 0.6065$
nível de estudo	$p\text{-valor} = 9.896\text{e-}05$	$p\text{-valor} = 0.1486$

Fonte: elaboração própria.

Para o parâmetro *formal*, observamos, em relação à variação *ter* e *haver*, conforme gráfico 3, que, para *haver*, as notas se concentram entre 3 e 5, com mediana 4 – *acho que sim*, com valor mínimo de 1, ao passo que, para *ter*, as notas estão concentradas entre 2 e 4, com mediana 2 – *acho que não*, com valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente. Esses resultados sinalizam que o uso de *haver* na escrita é formal, mas o uso de *ter* não é formal, indicando que essa variante é mais associada a um uso informal nessa modalidade da língua.

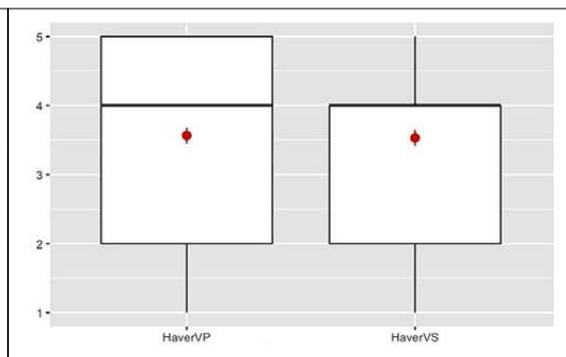
Quanto à concordância verbal com *haver*, observamos, conforme gráfico 4, que, tanto para *HaverVP* quanto para *HaverVS*, a mediana é 4 – *acho que sim*, revelando formalidade no uso. No entanto, para *HaverVP*, as notas estão concentradas entre 2 e 5, ao passo que, para *HaverVS*, as notas se concentram entre 2 e 4, mostrando uma avaliação mais positiva para a pluralização. Esses dados, associados à não significância desse parâmetro ($p = 0.8271$), revelam que a pluralização de *haver* na escrita não é associada a um uso informal.

Gráfico 3 – variação *ter/haver existenciais*



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 4 – variação concordância *haver*



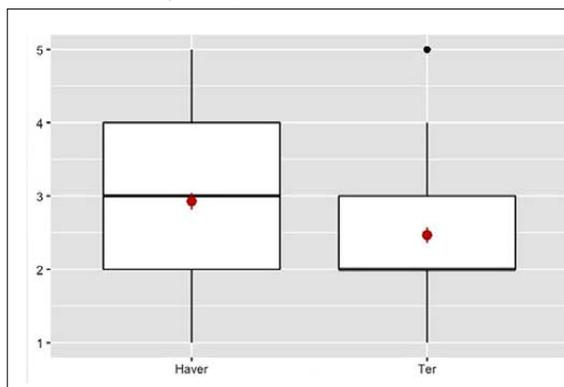
Fonte: elaboração própria.

Para o parâmetro *conservador*, em relação à variação *ter/haver*, observamos, conforme gráfico 5, que, para *haver*, as notas estão concentradas entre 2 e 4, com mediana 3 – *não sei e*

valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, sinalizando uma neutralidade quanto ao uso para esse parâmetro. Para *ter*, por sua vez, as notas se concentram entre 2 e 3, com mediana 2 – *acho que não* e valores mínimo e máximo de 1 e 4, respectivamente, mostrando uma avaliação negativa, pois não é conservador fazer uso do verbo *ter* na escrita.

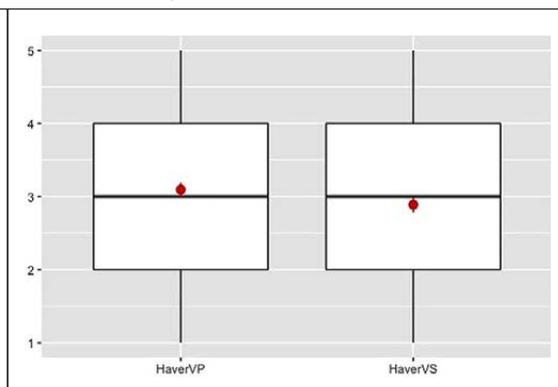
Em relação à concordância verbal com *haver*, observamos, conforme Gráfico 6, que houve um mesmo julgamento para *HaverVP* e *HaverVS*, com notas concentradas entre 2 e 4 e medianas 3 – *não sei*. Apesar da relação entre o parâmetro conservador e a variação na concordância de *haver* não ser significativa ($p = 0.1203$), não há aqui uma avaliação negativa para a pluralização de *haver*, mas uma avaliação neutra. Os dados sinalizam que não há uma associação entre uso não conservador e a pluralização do verbo *haver* na língua escrita.

Gráfico 5 – variação *ter/haver* existenciais



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 6 – variação concordância *haver*



Fonte: elaboração própria.

Para o parâmetro *sofisticado*, verificamos, conforme Gráfico 7, que, para *haver*, as notas se concentram entre 3 e 4, com mediana 4 – *acho que sim* e valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente, mostrando ser sofisticado o uso dessa variante na escrita. Quanto ao uso de *ter*, observamos que as notas estão concentradas entre 2 e 3, com mediana 3 – *não sei* e valores mínimo e máximo de 1 e 4, respectivamente, revelando uma avaliação neutra para o uso de *ter*. Esses dados mostram ser mais sofisticado o uso de *haver* na escrita.

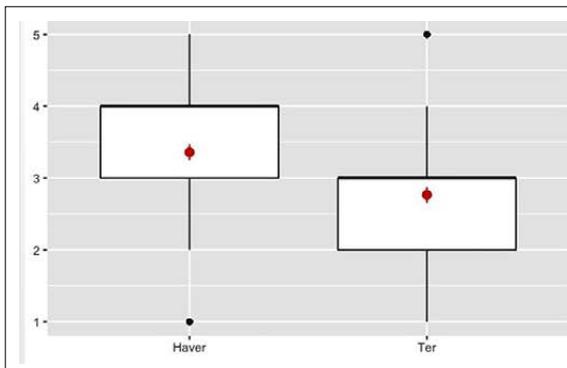
Em relação à concordância com *haver*, apesar de a relação entre o parâmetro e a variável ser aleatória, observamos, conforme Gráfico 8, que, tanto para *HaverVP* quanto para *HaverVS*, a mediana é 4 – *acho que sim*, mostrando uma avaliação positiva. No entanto, para *HaverVP*, as notas se concentram entre 3 e 4 e valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente, ao passo que, para *HaverVS*, as notas se concentram entre 2 e 4 e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, sugerindo que a pluralização de *haver* tem uma avaliação mais positiva.

Para o parâmetro *bonito*, quanto à variação *ter/haver*, observamos, conforme Gráfico 9, que, para *haver*, as notas estão entre 3 e 5, com mediana 4 – *acho que sim* e valor mínimo de 1, ao passo que, para *ter*, as notas se concentram entre 2 e 4, com mediana 3 – *não sei* e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente. Esses dados mostram uma avaliação positiva para o uso de *haver*, mas uma avaliação mais neutra para o uso de *ter*, revelando, assim, que não há uma avaliação negativa quanto ao uso de *ter* para esse parâmetro.

Em relação à concordância com *haver*, observamos, conforme gráfico 10, que as normas subjetivas dos estudantes são iguais para *HaverVP* e *HaverVS*, apresentando o mesmo padrão de julgamento social: o uso das variantes é bonito. As notas se concentram entre 3 e 5, com mediana 4 – *acho que sim*. Se considerarmos que as variantes linguísticas tendem a ser avaliadas socialmente

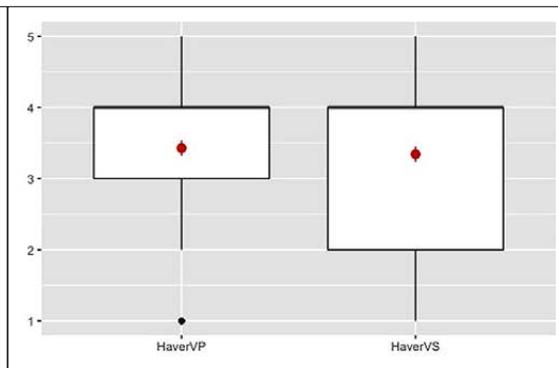
como bonitas ou feias, os dados sugerem que o uso de *HaverVP* é visto como bonito, sinalizando que há uma avaliação positiva para a pluralização de *haver*.

Gráfico 7 – variação *ter/haver* existenciais



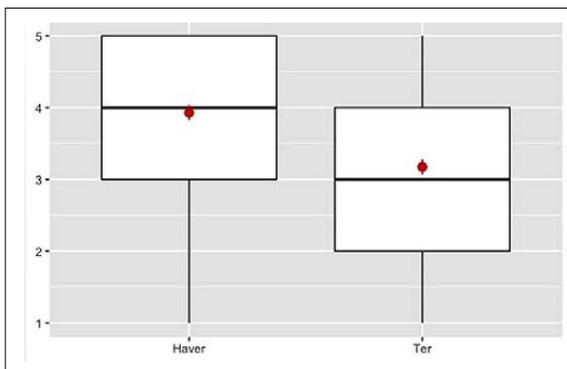
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 8 – variação concordância *haver*



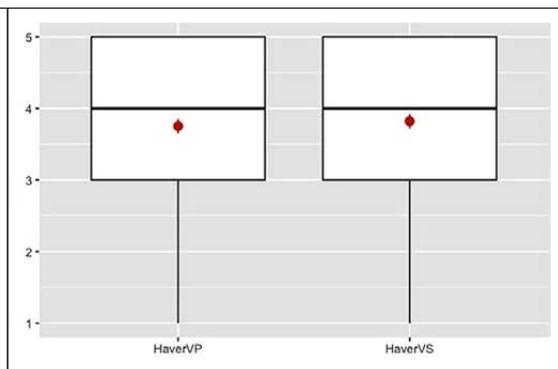
Fonte: elaboração própria.

Gráfico 9 – variação *ter/haver* existenciais



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 10 – variação concordância *haver*



Fonte: elaboração própria.

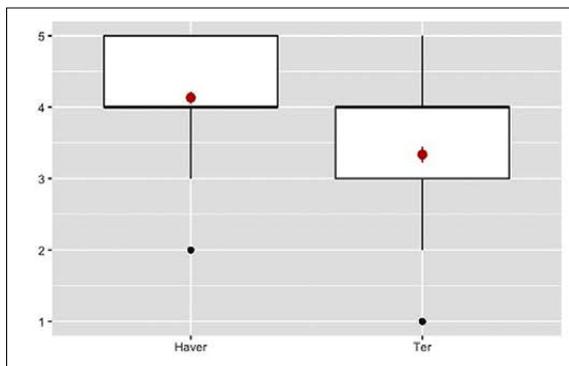
Para o parâmetro *escrever bem*, observamos, conforme Gráficos 11 e 12, que as variantes apresentam mediana 4 – *acho que sim*, associando o uso dessas formas linguísticas a escrever bem. No entanto, para a variação *ter* e *haver* existenciais, observamos, conforme Gráfico 11, que o verbo *haver* recebe uma avaliação mais positiva. Para o verbo *haver*, as notas se concentram entre 4 e 5, com valor mínimo de 3, ao passo que, para o verbo *ter*, as notas estão entre 3 e 4, com valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente.

Em relação à concordância verbal com *haver*, observamos, conforme Gráfico 12, um mesmo julgamento social, com as notas concentradas entre 4 e 5 e valores mínimo e máximo de 3 e 5, respectivamente. Se considerarmos que os manuais de ensino pontuam que, para escrever bem, é preciso seguir as normas de prescrição da língua, com *HaverVS* sendo a forma recomendada, observamos que o uso de *HaverVP* é considerado sinônimo de escrever bem, mostrando assim uma avaliação positiva para a pluralização de *haver*.

Em relação ao parâmetro *ler muito*, observamos, conforme Gráfico 13, que, tanto para *haver* quanto para *ter*, as notas se concentram entre 3 e 4, com valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente. No entanto, para o verbo *haver*, a mediana é 4 – *acho que sim*, ao passo que, para o verbo *ter*, a mediana é 3 – *não sei*, mostrando uma avaliação mais positiva para o verbo *haver*.

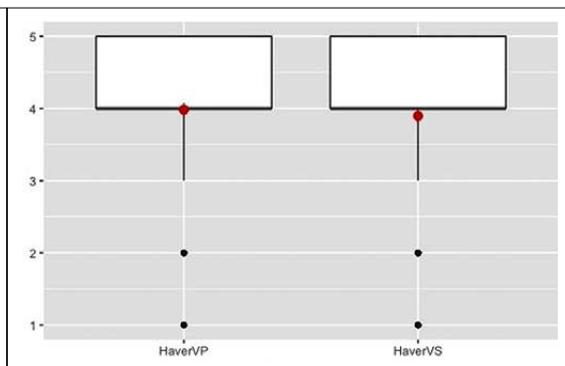
e uma avaliação mais neutra para o verbo *ter*. Esses dados indicam que o uso de *haver* em sentenças existenciais na língua escrita tende a ser mais associado ao ato de ler.

Gráfico 11 – variação ter/haver existenciais



Fonte: elaboração própria.

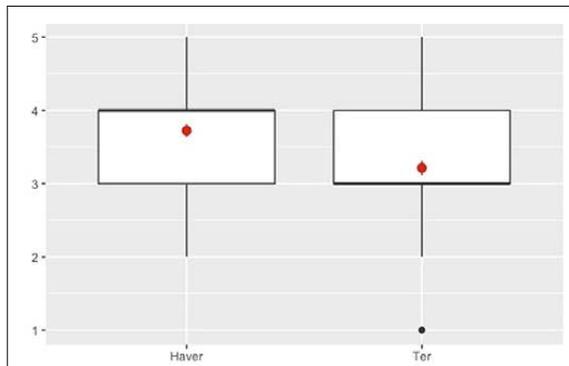
Gráfico 12 – variação concordância haver



Fonte: elaboração própria.

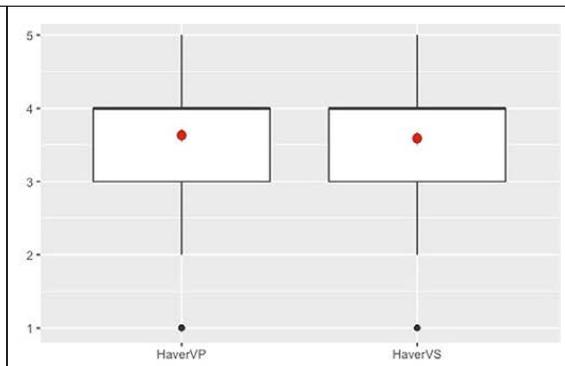
Quanto à concordância com *haver*, observamos, conforme Gráfico 14, que *HaverVP* e *HaverVS* apresentam o nível de concordância entre 3 e 4, com mediana 4 – *acho que sim* e valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente, indicando um mesmo julgamento social. Se considerarmos a crença de que a leitura capacita o indivíduo a escrever bem e escrever melhor, com os adjetivos bem e melhor sendo associados a formas contempladas nos manuais de ensino, inferimos que há uma avaliação positiva para a pluralização de *haver* na escrita.

Gráfico 13 – variação ter/haver existenciais



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 14 – variação concordância haver



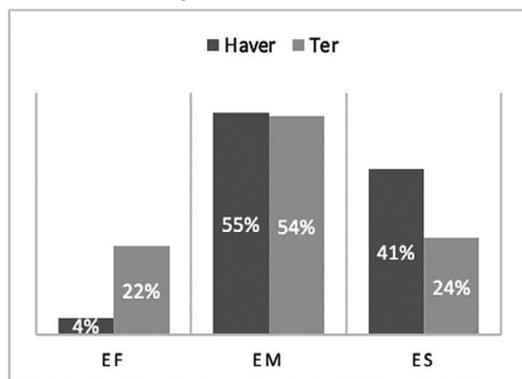
Fonte: elaboração própria.

Quanto ao parâmetro *nível de estudo*, partimos do pressuposto de que haveria uma correlação na avaliação dos estudantes: maior nível de estudo, maior associação das variantes *haver* e *HaverVS*, uma vez que a escola promove mudanças nos usos linguísticos. Para a variação *ter* e *haver*, conforme Gráfico 15, observamos que as diferenças estão entre ensino fundamental (EF), com uma maior associação do uso de *ter* – 22% contra 4% de *haver*, e ensino superior (ES), com uma maior associação do uso de *haver* – 41% contra 24% de *ter*.

Em relação à concordância com *haver*, conforme Gráfico 16, observamos que as diferenças estão entre os níveis ensino médio (EM) e ensino superior (ES). Para o EM, verificamos uma associação maior de *HaverVS* – 55% contra 35% de *HaverVP*, ao passo que, para o ES, é mais associado o uso de *HaverVP* – 54% contra 37% de *HaverVS*. Esses dados mostram que a plurali-

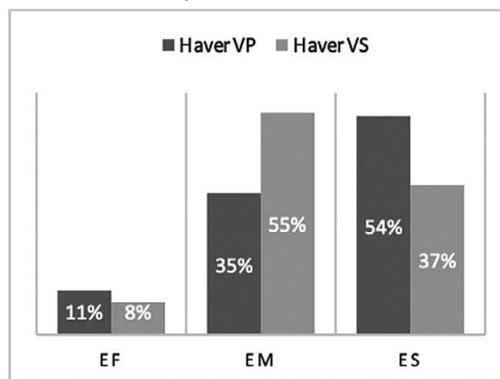
zação de *haver*, como *havam pessoas na sala*, é mais associada ao nível de estudo mais elevado, revelando uma avaliação positiva para essa variante.

Gráfico 15 – variação *ter/haver* existenciais



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 16 – variação concordância *haver*



Fonte: elaboração própria.

Ao considerarmos como questão de pesquisa se o uso de *ter* e *haverVP* na escrita receberia avaliação social negativa, uma vez que aferimos diretamente o que pensam estudantes universitários sobre o uso dessas variantes, observamos que, em relação ao uso de *ter*, predomina uma avaliação mais neutra. Ao verbo *ter* são associados julgamentos como não ser formal e não ser conservador, corroborando os dados de produção que mostram que o seu uso tende a se implementar, na língua escrita, em gêneros textuais mais informais.

Também observamos que *ter* é mais associado à escolarização mais baixa, o que nos remete a discussão sociolinguística de que quanto menor a escolarização maior é o percentual da variante inovadora. Como o processo de avaliação das formas linguísticas em comunidades letradas tende a ser motivado também por instrumentos normativos, como gramáticas, livros didáticos, que procuram apresentar as normas de bom uso da língua, acreditamos que isso também se relacione aos dados que associam *haver* a falantes que possuem o ensino superior.

Em relação à concordância verbal com *haver*, apesar da não significância estatística dos parâmetros testados, acreditamos que esses dados, associados à análise da estatística descritiva, sinalizam que não há estigma na comunidade quanto à pluralização de *haver* na escrita. Nossos dados mostram uma avaliação equivalente para as variantes analisadas quanto aos critérios *conservador*, *bonito*, *escrever bem* e *ler muito*, mas uma avaliação mais positiva para a pluralização de *haver* quanto aos parâmetros *formal* e *sofisticado*.

As normas subjetivas dos estudantes também sinalizam que quanto maior o nível de escolarização, maior a associação ao uso da variante *HaverVP*. Considerada um processo de hipercorreção, a pluralização de *haver existencial* parece gerar um certo prestígio social entre os estudantes, sendo avaliada mais positivamente. Esses dados parecem sinalizar que há um processo de extensão do valor social associado à concordância verbal à pluralização de *haver*, que, nas variedades urbanas do português brasileiro, tende a receber um valor social positivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mensuramos as normas subjetivas de estudantes universitários do sertão alagoano quanto à variação *ter/haver existenciais* e à variação na concordância verbal com *haver existencial*. Para tanto, recorremos à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]), que pontua que a

avaliação linguística é uma propriedade importante do processo de mudança, e adotamos uma abordagem direta, considerando sete parâmetros de avaliação: *formal*, *conservador*, *sofisticado*, *bonito*, *escrever bem*, *ler muito* e *nível de estudo*.

Para a variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais, os resultados mostram que *ter* tende a ser mais associado ao nível de escolarização mais baixo, bem como a não ser formal e não ser conservador usá-lo na escrita, o que pode estar relacionado a uma maior sensibilidade dos estudantes às normas que regem o padrão escrito formal. Quanto aos parâmetros *sofisticado*, *bonito* e *ler muito*, observamos um comportamento neutro e uma avaliação positiva para *escrever bem*. Esses dados indicam que não há estigma quanto ao uso de *ter* na escrita, mas uma avaliação que pode ser entendida como um marcador linguístico.

Quanto à concordância verbal com *haver existencial*, os dados sinalizam que há uma avaliação social positiva à pluralização de *haver*, principalmente no que se refere aos critérios *formal*, *sofisticado* e *escolaridade*, revelando que o uso de *HaverVP* é mais avaliado como formal, sofisticado e associado ao nível mais alto de estudo – ES. Esses resultados nos levam a pensar que há aqui um processo de extensão do valor social de prestígio associado à marcação de concordância verbal à realização da pluralização de *haver existencial*, o que poderia justificar a escolha dessa variante em contextos formais de uso da língua escrita.

Essas considerações são ainda questões que vêm sendo formuladas e testadas em relação a esses contextos linguísticos variáveis. No entanto, acreditamos que a abordagem de como as variantes são percebidas pelos falantes contribuem para mostrar o nível de consciência social de um dado fenômeno linguístico variável, revelando que a análise de dados de produção e dados de percepção possibilita uma maior compreensão do processo de variação, pois ajuda a desvelar os valores sociais associados às variantes e os rumos da mudança.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 4, p. 99-144, 2006.
- AZEREDO, J. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, n. 9, p. 85-100, 2000.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. *Ter/Haver: constructions and verbal agreement*. In: MOTA, M. A.; VIEIRA, S. R. (ed.). *Journal of Portuguese Linguistics*, v.12, n. 2, p. 187-208, 2013.
- CALLOU, D.; DUARTE, E. A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2005.
- CARDOSO, S.; MOTA, J. Estudos geolinguísticos: caminhos seguidos no território brasileiro. *Linguística*, v. 33-1, 2017, p. 89-105.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: introducción a la sociolingüística*. Madrid: Visor, 1996.

- FREITAG, R. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta Scientiarum Language and Culture*, v. 40, n. 2, p. 1-10, 2018.
- GAMA, D.; SARAIVA, E.; ALMEIDA, M. Tem variação entre as formas impessoais *ter* e *haver* nas modalidades oral e escrita, em realizações da norma culta, do Português Brasileiro. In: VIEIRA, S.; LIMA, M. (org.). *Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019. p. 89-102.
- GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. *Investigating language attitudes: social meanings of dialect, ethnicity and performance*. University of Wales Press, Cardiff, 2003.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAMBERT, W.; LAMBERT, E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MARINS, J.; DUARTE, E. A substituição de *haver* por *ter* em sentenças existenciais no PB: a relação entre tempo verbal e traço semântico do argumento interno. In: GONÇALVES, E. (org.). *As construções existenciais em foco*. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 145-165.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Espanha: Ariel Lingüística, 1998.
- OLIVEIRA, J. *Variação dos verbos ter e haver em sentenças existenciais no sertão alagoano*. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Delmiro Gouveia, Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, 2017.
- SOUZA, F. *Tem chance de haver ainda existir no falar popular? A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR*. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- VITÓRIO, E. A alternância dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na escrita jornalística. In: SINIEL, 2012, Recife. *Anais [...]*. Recife: 2012, p. 434-450.
- VITÓRIO, E. As construções existenciais com *ter* e *haver*: o que tem na fala e o que há na escrita. *Revista Domínios de Lingu@gem*, v. 7, n. 2, 2013, p. 71-89.
- VITÓRIO, E. A competição *ter*, *haver* e *existir* na escrita escolar. *Signum: Estudos de Linguagem*, Londrina, n. 18/1, 2015, p. 365-391.
- VITÓRIO, E. As construções existenciais e o problema da avaliação linguística. *Domínios da Lingu@gem*, Uberlândia, v. 12, n. 3, p. 1825-1858, jul./set. 2018.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].